

Credores temem pelo acordo da dívida externa

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — A renúncia do ministro Gustavo Krause não surpreendeu os bancos credores do Brasil nem os representantes do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird). Várias pessoas, nessas três áreas, comentaram ontem que este desfecho era pressentido há vários dias. Por isso, ainda havia um clima de apreensão no fim da tarde: para muitos, a questão já não é saber quem será o novo ministro, mas sim “se o novo presidente vai, de fato, despertar” — como disse um banqueiro.

— Todos nós hoje nos referimos aos anos 80 como a década perdida. E o Brasil parece que está começando a sua segunda década perdida — disse Richard Huber, vice-presidente do Continental Bank.

Sua preocupação mais imediata, e a de seus colegas, é de que o acordo de renegociação da dívida externa não vá adiante, em função das indecisões do Governo. Os banqueiros crêem que o protocolo desse contrato, o chamado **term sheet**, será aprovado hoje pelo Senado. Mas acham provável que o pacote renegociado a duras penas nos últimos meses acabe no lixo: esse será seu destino caso o FMI não aprove — ou demore a aprovar — um novo programa econômico do Brasil.

Vários deles disseram ter sentido calafrios ao ler sobre a renúncia de Gustavo Krause, ontem, na primeira página do “The Wall Street Journal”. O motivo foi uma rápida menção quase no final do texto: o jornal dizia que nos últimos dias o presidente Itamar Franco se encontrou com economistas críticos do programa econômico do Governo. Entre eles, Paulo Nogueira Batista Jr. — os banqueiros lembraram que ele é favorável à moratória da dívida.